Japanese Breakfast e a vida após a superação

Quanto tempo dura o luto? Lidar com a morte de uma pessoa próxima é um desafio que intriga a todos. O tempo do luto é algo muito subjetivo, sendo a forma como cada um lida um reflexo de diferentes personalidade e significados atribuídos.Para Michelle Zauner, vocalista da banda indie Japanese Breakfast, uma das formas encontradas para lidar com a perda de sua mãe foi expressar todo o reboliço emocional a partir de canções. Com este conjunto de canções, Michelle formou um dos nomes mais relevantes dentro da cena Indie da última década, o Japanese Breakfast. Apesar do luto ainda ser um tema importante em seu processo de criação, Zauner optou por buscar novas perspectivas para o terceiro álbum da banda, Jubilee (2021).

No novo álbum, a banda parece mais preocupada com o presente do que em relembrar o passado, trazendo uma mudança no foco narrativo, permitindo que a sonoridade consolidada do grupo explore vertentes mais dinâmicas e criativas.

Entretanto, a grande beleza de Jubilee, está na forma como Zauner brinca com os contrastes. São canções que preservam o lirismo melancólico da artista, porém, estabelecem no completo refinamento dos arranjos e melodias calorosas, trazendo um elemento de contraposição.Exemplo disso acontece logo nos primeiros minutos do disco, em Paprika. Enquanto os versos discutem o isolamento vivido pela cantora – “Mas sozinha pareço estar morrendo” –, musicalmente a instrumentista investe em temas orquestrais. São cordas, metais e a bateria marcial que remetem a trilha sonora do filme de ficção científica japonesa de mesmo nome.

É justamente esse processo de composição que torna a experiência de ouvir o trabalho tão satisfatória. Cercada de colaboradores, como o multi-instrumentista e parceiro de banda Craig Hendrix, o músico Jack Tatum, do Wild Nothing, e o Alex Giannascoli, o Alex G, Zauner investe na produção de um repertório onde tudo salta aos ouvidos. São incontáveis camadas de sintetizadores, texturas de guitarras e o uso destacado dos metais, como um avanço claro em relação ao material entregue no último disco. Perfeita representação desse resultado acontece em Slide Tackle, música que reflete a fluidez dos arranjos, solos labirínticos e o inusitado uso do saxofone. Um precioso exercício de refinamento estético que evidencia o completo domínio da artista dentro de estúdio.

Esse mesmo caráter provocativo na construção dos versos acaba se refletindo em diversos outros momentos ao longo da obra. Da discussão sobre libertação sexual e monogamia, em Posing In Bondage (“Esperando por você / Acabada e bêbado / Feita e corrigida“), música que reflete o lado mais acessível e melódico do disco, à completa entrega sentimental de Posing for Cars (“Eu sou apenas uma mulher com necessidades“), registro que ainda chega acompanhada de um belíssimo solo de guitarra, Zauner reserva ao público um repertório essencialmente amplo, mesmo que contido pelas emoções e experiências pessoais da instrumentista. São canções de amor, reflexões sobre o atual cenário político, a relação com a morte e a necessidade de interpretar os próprios conflitos.

Importante ponto de transformação na carreira da cantora, Jubilee, como o próprio título aponta, nasce como um exercício de libertação pessoal e busca por novas possibilidades. É

como se a musicista transportasse para dentro de estúdio tudo aquilo que tem vivido nos últimos anos, proposta que vai da ausência da mãe à relação de cumplicidade com o marido e também parceiro de banda, o músico Peter Bradley. Não por acaso, cada composição nasce como um exercício isolado. São fragmentos que tanto confessam referências, como parecem transportar realizadora e ouvinte para um novo território criativo, produto de uma obra que talvez parecesse confusa nas mãos de um artista iniciante, porém, brilhantemente conduzidas pelas mãos e sentimentos expressos por Zauner.